

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

ERIKA PEREIRA DE MAGALHÃES

**A LINGUAGEM DO JOVEM DA PERIFERIA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS:
A APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA COMO BEM CULTURAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2015**

ERIKA PEREIRA DE MAGALHÃES

**A LINGUAGEM DO JOVEM DA PERIFERIA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS:
A APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA COMO BEM CULTURAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Edson Domingos Fagundes

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNA: Erika Pereira de Magalhães

Polo: Diadema

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A linguagem do jovem da periferia e suas implicações sociais: a apropriação da língua como bem cultural.

Esta monografia foi apresentada às 10h do dia 19/03/2015 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	X	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador
3		Reprovado

Prof. Edison Domingos Fagundes
UTFPR – Câmpus Curitiba
(Orientador)

Prof^a Margareth de Souza Freitas
UTFPR – Câmpus Curitiba

Prof^a Ana Paula Pinheiro da Silveira
UTFPR – Câmpus Curitiba

**OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

RESUMO

MAGALHÃES, Erika Pereira de. **A linguagem do jovem da periferia e suas implicações sociais:** a apropriação da língua como bem cultural. Curitiba, 2015. 30 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

A linguagem, como um dos principais mecanismos na formação discursiva, tem papel primordial na transição social, contribuindo para a formação da identidade de seus agentes. A crescente participação de sujeitos oriundos das periferias no cenário cultural brasileiro cobra deles uma formação discursiva que proporcione consciência linguística e autoconfiança para a legitimação dessa cultura, apesar dos estereótipos que já carrega. Considerando a importância do jovem na sociedade e neste novo cenário cultural, o presente artigo tem por objetivo analisar os níveis de formação discursiva e de consciência linguística do jovem da periferia, buscando identificar as implicações desta linguagem na vida pessoal e no contexto social. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo através de um formulário aplicado a jovens da periferia da cidade de Diadema, Grande São Paulo. Os dados coletados foram analisados em conjunto com relatórios emitidos pelo Observatório de Políticas Públicas, Econômico e Social de Diadema, que traçam o perfil da população jovem da cidade. A análise dos dados possibilitou verificar os níveis de escolaridade, os hábitos linguísticos, culturais e de entretenimento, além dos níveis de consciência linguística e possíveis preconceitos sofridos em decorrência da linguagem desses jovens. Apesar da consciência da necessidade de adaptação da linguagem e uso de suas variantes, poucos são os que conseguem fazê-lo satisfatoriamente. Além disso, a formação discursiva deficiente acaba por facilitar a contaminação dos jovens com os estereótipos existentes em torno da sua própria linguagem.

Palavras-chaves: Linguagem. Jovem. Periferia. Implicações sociais. Consciência linguística.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
3 METODOLOGIA	11
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A disseminação da cultura popular proveniente das periferias dos grandes centros urbanos tem tomado espaço no cenário social brasileiro. São ritmos musicais, artes plásticas, vestuário, modo de falar, que estão sendo copiados e, muitas vezes, vendidos como “o que a periferia tem de bom”.

Apesar de ser vista constantemente como forma de resistência ao processo de segregação social, essa cultura é produzida por uma população que muitas vezes está alheia a toda ideologia implícita no mercado cultural e na própria sociedade que a consome. Isso porque o acesso ao conhecimento é regulado pelos sistemas governamentais por meio de planos educacionais que não contemplam as reais necessidades das pessoas de baixa renda, em termos de políticas de acesso a fatores formadores da consciência política e da formação discursiva de um cidadão. Diante disso, a popularização da cultura proveniente da periferia traz consigo tantos outros elementos a serem analisados quanto o discurso disseminado de se dar oportunidade às pessoas ligadas a esta cultura.

No livro *Dicionário Crítico de Política Cultural*, Teixeira Coelho (1997) descreve o capital cultural de uma sociedade como “obras que alegadamente sintetizam o espírito ou identidade dessas nações ou povos ou que, mais simplesmente, são produzidas dentro de suas fronteiras ou servindo-se das línguas ali faladas” (COELHO, 1997, p. 84).

Nesse contexto, depreendemos que a língua de um povo também é corresponsável pela produção do seu capital cultural. A linguagem, por sua vez, torna-se um importante mecanismo para a representação das ideologias de um grupo, desempenhando papel relevante:

(...) não só na comunicação, mas também na expressão do pensamento e na interação entre as pessoas; e suponho isso em outros domínios da inteligência humana, em outros domínios da cognição humana e do comportamento (Chomsky, 2006 apud REIS, 2009, p. 122)

Dessa forma, a linguagem de determinada comunidade linguística é fator crucial na exteriorização dos saberes e desejos desse grupo, contribuindo para a formação da sua identidade e para a apropriação do seu papel na sociedade.

Fiorin (2007) afirma que a linguagem é uma instituição social que transmite as ideologias e medeia a comunicação entre indivíduos. Isso porque, conforme Bakhtin (2006), a linguagem é formada a partir de signos que funcionam como símbolos carregados de ideologia. Por exemplo, o pão e o vinho são simplesmente produtos, porém, tornam-se signos

quando passam a representar o corpo e o sangue no sacramento cristão (Bakhtin, 2006). Sendo assim, todo signo é ideológico porque carrega em si significados que vão sendo atribuídos a ele dentro de um contexto social através da interação, materializando-se em um sistema de comunicação. Desse modo, todas as formas de concretização da linguagem trazem consigo um viés ideológico, compreendendo as ideias e valores de um grupo específico.

Segundo Fiorin (2007, p. 31):

Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. No modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa” (FIORIN,

Essa dominação de classes através do uso da língua passa por um processo de legitimação quando os valores e ideologias de uma camada social são reconhecidos dentro da sociedade como mais valiosos que outros (GNERRE, 2009). É de se pressupor, então, que haverá sempre uma cultura dominante a qual, detentora de uma habilidade linguística específica, acabará por ditar também os padrões linguísticos a serem seguidos.

Não basta a um grupo, portanto, ter seus costumes e comportamentos caracterizados em uma sociedade para que sua cultura seja realmente valorizada; o que irá definir seu prestígio e reconhecimento será a posição que ocupa nessa sociedade.

Considerando a existência de uma linguagem dominante, é preciso que haja, nas camadas sociais menos favorecidas, indivíduos cuja formação discursiva atenda às imposições linguísticas dominadoras, a fim de conseguir corresponder às necessidades de convivência social sem, porém, perder a consciência da importância da sua própria linguagem na sociedade como ferramenta ideológica e de autoafirmação. Neste sentido, a formação discursiva é princípio substancial à reprodução das ideologias, e consequentemente responsável pelo processo de afirmação e legitimação dos valores do sujeito na sociedade em que vive.

Neste contexto, Fiorin (2007, p. 32) esclarece a relação entre linguagem, formação ideológica e formação discursiva:

Uma formação ideológica deve ser entendida como (...) um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é

mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer.

No entanto, para o cidadão de baixa renda, com acesso limitado à educação formal, a práticas culturais e a ferramentas de conscientização ideológicas, há enorme tendência a uma formação discursiva deficiente, que pouco atenda às necessidades básicas de comunicação e, menos ainda, auxilie na quebra de paradigmas existentes ou que propicie a quebra de barreiras sociais por intermédio da adaptação da linguagem. Uma formação discursiva que assegure a apropriação da linguagem e das suas variações como ferramenta de interação social, assim como a consciência linguística, podem propiciar a segurança que esses sujeitos precisam para permear todas as camadas sociais, sem ficar à mercê de discursos alheios que não sintetizem sua real condição e/ou visão do mundo.

Os jovens, como protagonistas de grande parte dos cenários sociais, certamente sentirão as consequências pela falta de direcionamento adequado à sua formação discursiva. Uma pesquisa do Instituto Paulo Montenegro (2009) acerca do índice de alfabetismo entre jovens de 15 a 24 anos em nove das principais regiões metropolitanas do Brasil, mostrou que 22% deles encontravam-se em nível de analfabetismo ou alfabetismo funcional e outros 38% em nível básico de alfabetização. Ou seja, “só 40% dos jovens metropolitanos brasileiros atingem o nível pleno de alfabetismo” (INSTITUTO PAULO MOTENEGRO, 2009, p. 4).

Diante dessa realidade, é possível supor índices ainda maiores de deficiência em relação aos jovens provindos das periferias. O fator educacional, aliado à carência de políticas públicas de aculturação, minimiza a possibilidade de alcançar certos patamares de consciência linguística, bem como de consciência ideológica e discursiva, dificultando ainda mais a possibilidade de ultrapassar as barreiras sociais, como propõe Magda Soares:

Um ensino de língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, *o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio*, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais. (Soares, 1986 apud BAGNO, 2007, p. 178, grifo do autor)

Assim, os jovens das camadas sociais menos favorecidas vão sendo privados da apropriação de uma das poucas ferramentas que poderiam dispor para “se integrar de pleno direito na produção/ condução/ transformação da sociedade de que fazem parte”, conforme proposto por Bagno (2007, p. 179).

Como, então, conscientizar esses jovens da necessidade de se apropriarem deste

instrumento tão poderoso que é a linguagem? Como conscientizá-los da existência de discursos ideológicos e direcionados que tentam manter a tal ordem social, privando-os de terem sua cultura legitimada frente à sociedade? Como criar mecanismos que alterem a consciência coletiva sobre a importância desses jovens na construção da própria sociedade?

Para que estas questões sejam respondidas é preciso, primeiramente, identificar as influências linguísticas que o jovem da periferia recebe para formação da sua linguagem, o que pode revelar suas reais necessidades em termos de políticas de conscientização linguística. Assim também, detectar e evidenciar as implicações positivas ou negativas decorrentes do uso dessa linguagem pode ser aporte para reconhecer as carências desses jovens em diversas áreas como educacional, cultural, profissional, familiar, de lazer, dentre outras, bem como servir de base para a afirmação da sua identidade na sociedade.

Para tanto, o objetivo desse artigo é analisar o nível de consciência linguística e de formação discursiva do jovem da periferia, buscando identificar as implicações desta linguagem no contexto pessoal e social.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A importância do ensino das variações linguísticas no processo de formação dos jovens, também como fator de socialização, tem tomado espaço no contexto educacional, visando atender às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs no ensino de Língua Portuguesa, que objetivam o trabalho do professor voltado ao “desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais” (BRASIL, 2000, p. 18). O documento reconhece a necessidade da competência linguística na esfera social:

No mundo contemporâneo, marcado pelo apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos, e sobre os processos e procedimentos comunicativos é mais do que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada (BRASIL, 2000, p. 6)

Apesar do reconhecimento da importância social da linguagem, por parte do Estado através desse documento, os estudos voltados à identificação das necessidades de grupos linguísticos específicos ainda são escassos. Nesse contexto, pouco se tem perguntado ao jovem da periferia sobre suas dificuldades, seus anseios, suas imposições ou quais barreiras ele encontra pelo caminho quando o assunto é sua própria língua. Há, portanto, certa carência de estudos que identifiquem como se dá a formação discursiva dos jovens, qual seu nível de consciência linguística, quais suas necessidades quanto à linguagem formal ou como ele quer ser identificado linguisticamente na sociedade. O reconhecimento desses fatores é fundamental para a elaboração de políticas voltadas especificamente para as necessidades constatadas nesses grupos.

Considerando a importância da língua como instrumento de socialização dos jovens, a análise aqui proposta será direcionada por teorias da Sociolinguística, área da Linguística inerente ao estudo. Além da Sociolinguística, outros autores que tratem de questões relacionadas à linguagem e ideologia, por exemplo, serão considerados. Nesse sentido, a teoria das trocas simbólicas, proposta por Bourdieu (2007), permite compreender as ideologias implícitas no uso da língua. O autor apresenta uma análise de como a composição estrutural da sociedade reflete nas relações de poder através dos campos intelectuais e dos hábitos culturais de cada camada social, o que possibilita compreender o papel de determinados grupos dentro de uma sociedade.

No livro *Linguagem e Ideologia*, Fiorin (2007) busca refletir a questão da linguagem pelo viés ideológico, e identificar como a ideologia é determinada “nesse complexo fenômeno

que é a linguagem, analisar como a linguagem veicula a ideologia, mostrar o que é que é ideologizado na linguagem.” (Fiorin, 2007, p. 7).

Estes conceitos estão sintetizados na obra de Maurizio Gnerre (2009), *Linguagem, Escrita e Poder*, que traz uma referência histórica das relações sociais através da língua e dos preconceitos existentes em torno das suas variantes.

Marcos Bagno (2007) em *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* demonstra os mitos que retomam a questão do português falado no Brasil e dos preconceitos que o cercam, além de ressaltar a carência de políticas públicas voltadas ao ensino das variantes linguísticas como forma de conscientização da necessidade de adaptação entre os falantes (locutor e interlocutor). O autor também destaca o caráter político e social da língua:

(...) falar da língua é falar de política, e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social (BAGNO, 2007, p. 72)

Outros fatores importantes a serem analisados são o nível de consciência linguística dos jovens; a capacidade de percepção dos discursos implícitos nos diversos discursos do qual participa. Para tanto, Helena H. Naganime Brandão (2004) em *Introdução à análise do discurso* faz um apanhado sobre a análise do discurso e sobre os fatores que a compõem, direcionando a reflexão da análise proposta.

O relatório intitulado *Perfil da população adolescente e jovem de Diadema*, elaborado pelo Observatório de Políticas Públicas, Econômico e Social de Diadema – OPPES (2012a), que traça um perfil da população jovem da cidade, tanto em termos demográficos quanto sociais, possibilita uma reflexão acerca da situação atual desse jovem na cidade. Esses dados permitirão detectar informações pertinentes, tais como: os níveis de escolaridade desses jovens e se os fatores educacionais, sociais e culturais estão interligados de alguma forma, a ponto de serem relevantes na formação discursiva deles.

3. METODOLOGIA

Considerando a necessidade de compreender como o jovem da periferia percebe sua própria linguagem e quais as implicações decorrentes do seu uso, foi proposta uma pesquisa de campo que possibilitasse mensurar, de algum modo, essa percepção.

Dessa maneira, foi elaborado um formulário de caráter qualitativo, visando ao direcionamento da pesquisa de campo a fim de possibilitar a sondagem, ainda que breve, dos componentes que influenciaram a construção linguística do jovem da periferia, a partir de informações sobre alguns instrumentos de aculturação com os quais ele teve contato na adolescência como, por exemplo, a frequência ao teatro, a museus, prática da leitura etc.

Participaram da pesquisa jovens de idade entre 18 e 24 anos, moradores dos bairros Eldorado e Inamar, localizados na periferia da cidade de Diadema, situada na Grande São Paulo, no ABC Paulista¹. A faixa etária determinada para a pesquisa – 18 a 24 anos – foi definida considerando a idade média para a conclusão do ensino básico (18 anos), que culmina na iniciação desses jovens em atividades sociais elementares como a inserção no mercado de trabalho e a necessidade de complementação da documentação civil. Nessa faixa etária há participação mais ativa dos jovens na economia e na sociedade em decorrência da maioridade civil, propiciando a ampliação das relações de comunicação e requerendo deles maior capacidade comunicativa em diferentes contextos.

O limite de 24 anos foi admitido considerando ser a idade indicada quando se usa o termo “jovem”. Os limites cronológicos definidos pela Organização das Nações Unidas – ONU, são assim descritos por Eisenstein:

(...) entre 15 e 24 anos (*youth*), critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (*young adults*). Atualmente usa-se, mais por conveniência, agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens (*adolescents and youth*) em programas comunitários, englobando assim os estudantes universitários e também os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de protagonismo juvenil (EISENSTEIN, 2005, p. 6)

¹ A região do Grande ABC Paulista é composta por sete cidades: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Um resumo da história da região e uma análise dos perfis demográfico e econômico da sua população podem ser consultados em: Ferreira, Rita de Cássia de A. *O comportamento do consumidor na economia informal da região do grande ABC Paulista*, 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração e Economia da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2013, p. 54-66. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3340>.

Após a escolha do perfil a ser pesquisado, o formulário aplicado foi dividido em duas partes:

- A primeira parte do formulário, a ser preenchida pelo próprio pesquisador a partir de respostas do informante, tem por objetivo fazer uma breve investigação de alguns hábitos sociais e culturais coadjuvantes na formação discursiva desses jovens, a fim de dar suporte à análise, uma vez que não foram encontrados estudos que permitissem observar profundamente alguns dos fatores influenciadores na formação discursiva desse grupo social especificamente. Além da coleta de informações, a aplicação do formulário em forma de entrevista possibilitou observar a desenvoltura e postura comunicativa dos participantes em sua linguagem oral;
- A segunda parte do formulário foi respondida pelo informante na forma escrita, com o intuito de possibilitar a análise da capacidade de comunicação escrita. As perguntas foram direcionadas a investigar os níveis de consciência linguística e de consciência social em relação à linguagem, permitindo, ainda, verificar a percepção dos jovens acerca dos preconceitos linguísticos existentes.

Considerando que fatores sociais não podem ser analisados isoladamente devido a sua variabilidade, dados secundários foram retirados de dois documentos emitidos pelo Observatório de Políticas Públicas, Econômico e Social de Diadema – OPPEs, visando auxiliar na investigação de um grupo social específico – o jovem morador da periferia. São dois relatórios elaborados a partir de dados extraídos do Censo Demográfico 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O primeiro documento, denominado *Sumário de dados básicos de Diadema – SP* contém o perfil demográfico e social da população da cidade; o segundo, denominado *Perfil da população adolescente e jovem de Diadema* caracteriza, em números, a população jovem da cidade.

Em conjunto com os dados primários da pesquisa de campo, os dados secundários possibilitarão conhecer a composição da população jovem da cidade, permitindo traçar um paralelo desse perfil em referência aos jovens pesquisados.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

a. Perfil da população jovem da cidade

Segundo o *Sumário de dados básicos de Diadema – SP* (OPPES, 2012b, p. 6), Diadema tinha, à época do censo demográfico, 386.089 habitantes, sendo a segunda maior densidade demográfica do país e a primeira da região do Grande ABC. Desses habitantes, uma parcela significativa reside nos bairros Eldorado e Inamar: cerca de 16,6% (64.096).

A população de jovens da cidade com idade entre 18 e 24 anos – faixa etária que interessa mais diretamente à esta análise e que será considerada aqui – é de 49.971 pessoas, o correspondente a quase 13% dos habitantes da cidade. O bairros Eldorado e Inamar, somados, concentram cerca de 17,48% dessa população – 8.734 jovens, sendo que o bairro Inamar possui o maior percentual de população formada por adolescentes e jovens nessa faixa etária (13,75%) e o bairro Eldorado ocupa a terceira posição com 13,57% (OPPES, 2012a, p. 5).

Em relação ao trabalho e renda, o percentual de jovens dessa faixa etária, ativos no mercado de trabalho era de 65,08% (OPPES, 2012a), porém, Diadema tem o segundo pior rendimento médio do Grande ABC, e isso se agrava quando o responsável pelo domicílio é o jovem, pois “Dos domicílios cuja pessoa responsável era adolescente ou jovem (de 15 a 29 anos), 10,22% estavam em situação de miséria e 25,37%, abaixo da linha de pobreza (OPPES, 2012a, p. 10)².

A renda média mensal da “Região Sul (Inamar e Eldorado) trazia o maior percentual de domicílios com rendimento *per capita* de, no máximo, meio salário mínimo (respectivamente, 31,19% e 30,58%).” (OPPES, 2012b, p. 33). Os jovens de 18 a 24 anos residentes nestes domicílios somam 19,16% do total.

Considerando o nível de escolaridade, Diadema tem cerca de 3,5% da população total não alfabetizada – segundo maior índice do Grande ABC –, sendo que desses, somente 3,53% são jovens de 18 a 24 anos (cerca de 477 pessoas). No entanto, o percentual de jovens nessa faixa etária sem instrução ou com nível fundamental incompleto é consideravelmente alto – 16,19%, conforme gráfico abaixo:

² O OPPES (2012) considerou domicílios com rendimento mensal *per capita* de até um quarto de salário mínimo para definir aqueles em situação de miséria, e rendimento até meio salário mínimo *per capita* para definir os que estão abaixo da linha da pobreza.

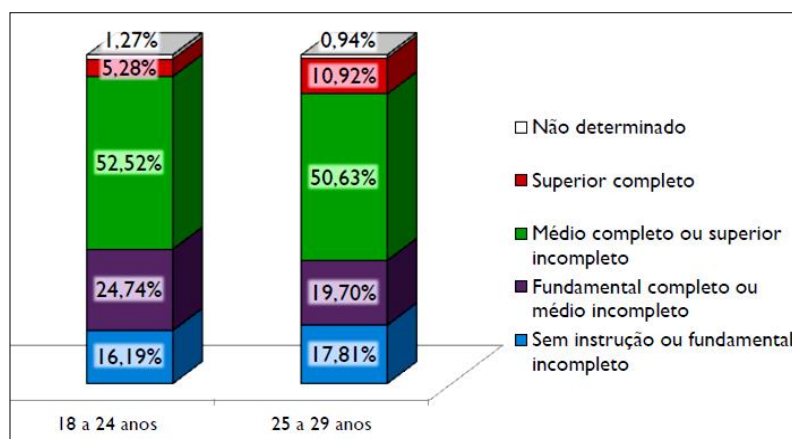


Gráfico 1 - Percentual de adolescentes e jovens, por nível de instrução em 2010 (adaptado)

Fonte: Observatório de Políticas Públicas, Econômico e Social de Diadema (2012a, p. 28).

É possível perceber que a instrução dos jovens não vai muito além da proposta de educação básica aplicada pelo governo, pois, tanto na faixa etária aqui considerada quanto na posterior – 25 a 29 anos – mais da metade possuía formação somente até o nível médio

Observa-se, também, certa estabilidade em todos os níveis de escolaridade após os 24 anos, havendo variação maior somente no grau superior, onde esse percentual mais que dobrou – de 5,28% para 10,92%. Apesar disso, o índice pode ser considerado baixo, uma vez que quase 38% da população com até 29 anos sequer concluiu o ensino médio. Esses dados possibilitam inferir que após os 24 anos poucos são os que conseguem complementar a escolaridade, passando a um nível de formação além do cursado até então.

Entre os jovens com níveis de instrução inferiores (sem instrução ou fundamental incompleto), a maioria – cerca de 62,13% – reside em domicílios com renda *per capita* inferior a um salário mínimo. Já entre a população com ensino superior completo ou cursando, 46,28% tem renda *per capita* de mais de dois salários mínimos (OPPES, 2012a, p. 33). Dessa constatação é possível depreender que a incontinuidade dos estudos após os 24 anos pode estar ligada, dentre outros, ao fator econômico, uma vez que muitos desses jovens acabam optando pelo trabalho em detrimento dos estudos, a fim de prover sua subsistência e/ou de sua família.

Tanto os dados referentes à renda *per capita* quanto aos níveis de escolaridade mostram que as áreas do centro da cidade possuem percentuais mais satisfatórios, confirmando uma tendência a menores rendas e menores níveis de escolaridade na periferia.

Há, ainda, uma parcela considerável desses jovens que não estuda nem trabalha. É a chamada geração “nem-nem” ou NEET, abreviação para o termo inglês “*neither in employment, nor in education or training*” (nem no emprego, nem no ensino ou formação);

ou seja, são jovens que não participam do mercado de trabalho e também não estão ampliando sua formação ou qualificação. Dos jovens com idade entre 18 a 24 anos, quase um quarto – 24,63% (12.301) – estavam nessa situação, sendo que desses, 61,69% afirmaram não procurar trabalho.

b. Perfil dos jovens pesquisados

O formulário para a coleta de dados foi aplicado a 17 jovens residentes nos bairros Eldorado e Inamar, sendo 65% homens e 35% de mulheres; com idade entre 18 e 24 anos.

A maioria dos participantes com 20 anos de idade – 35% do total –, nenhum participante com 21 ou 22 anos, e o restante distribuído nas demais idades, dentro da faixa etária proposta para a pesquisa, conforme gráfico a seguir:

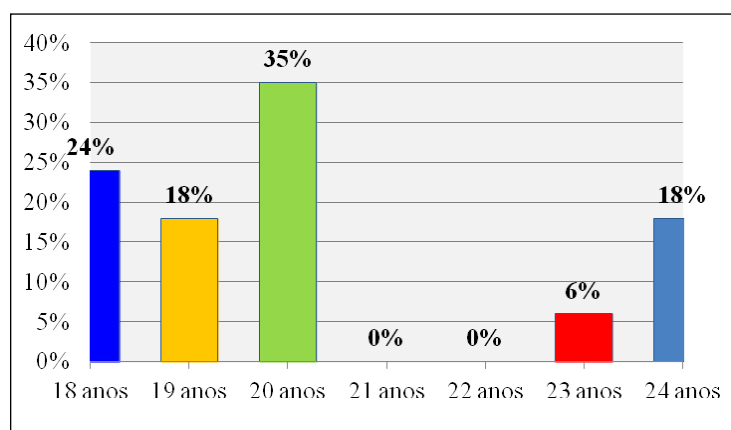


Gráfico 2 – Perfil dos participantes por idade – 2015

Fonte: Elaborado pela autora.

Os participantes frequentaram a escola pública nos níveis fundamental e médio, sendo que somente um estudou parcialmente em escola particular. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria possui o nível médio normal ou técnico (completo ou cursando):

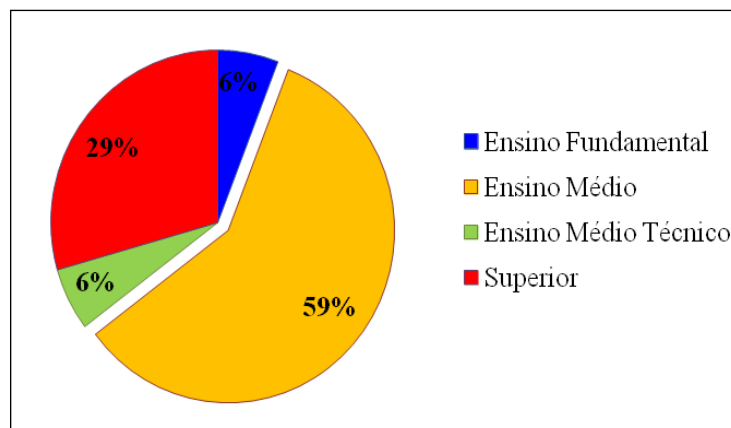


Gráfico 3 - Percentual de jovens participantes por nível de instrução – 2015

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os cinco participantes que cursam nível superior (correspondente a 29%), um frequenta universidade pública e quatro frequentam universidades particulares, sendo um financiado pelo Fundo de Financiamento Estudantil – Fies –, um com bolsa de estudos e dois pagantes de mensalidade integral com recursos próprios. Apesar de corresponder a quase um terço dos participantes da pesquisa, o percentual de ingressantes no nível superior ainda é pequeno e um dos fatores ligados a este cenário pode ser exatamente as restrições financeiras, conforme demonstrado no relatório do OPPES (2012a).

Alguns dados referentes às práticas de leitura, culturais e de entretenimento foram coletados com o intuito de investigar brevemente quais elementos fizeram ou fazem parte da formação discursiva desses jovens. Para isso, foram considerados dois momentos distintos: o primeiro dos 13 aos 17 anos e o segundo após esta faixa etária. A tabela a seguir apresenta as informações referentes a essas práticas:

Tabela 1 – Práticas de leitura, cultura e entretenimento – 2015

PRÁTICAS DE LEITURA	13 A 17 ANOS		ATUALMENTE	
	Qtde.	Percentual	Qtde.	Percentual
Gibi	11	65%	4	24%
Livro	9	53%	13	76%
Jornal impresso	7	41%	8	47%
Revista de entretenimento	7	41%	5	29%
Revista Científica	3	18%	4	24%
Jornal digital	2	12%	11	65%
Não lia na adolescência	2	12%	1	6%
Outros	1	6%	1	6%

PRÁTICAS CULTURAIS/ ENTRETENIMENTO	13 A 17 ANOS		ATUALMENTE	
	Qtde.	Percentual	Qtde.	Percentual
TV	13	76%	13	76%
Cinema	11	65%	16	94%
Shows	7	41%	13	76%
Teatro	6	35%	7	41%
Museus	5	29%	3	18%
Outros	1	6%	2	12%
Não tinha/ não tem	1	6%	0	0%

OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS (EM QUALQUER FAIXA ETÁRIA)		
	Qtde.	Percentual
Rodas de leitura	11	65%
Palestras	14	82%
Contação de histórias	8	47%
Sarau	8	47%
Outros	3	18%
Nunca participou	2	12%

Fonte: Elaborado pela autora.

c. Práticas de leitura

Os dados permitem perceber que na adolescência (até 17 anos) há a prática comum da leitura de gibis, tendência que ratifica a possível aceitação, por parte do aluno de ensino básico, do gênero “história em quadrinhos” como recurso didático na abordagem de diversos conteúdos e no ensino da articulação dos diferentes meios de comunicação. Essa preferência, porém, tem queda considerável na segunda faixa etária, passando para 24% de adeptos.

Posteriormente tem-se a preferência pela leitura de livros, que foi assinalada por pouco mais da metade dos entrevistados (53%) da primeira faixa, aumentando em 25% na faixa etária posterior, compreendendo três quartos dos participantes.

Referente à leitura de jornais, foram propostos dois formatos na pesquisa – impresso e digital. O percentual de adeptos à leitura do jornal impresso é até considerável, tratando-se de leitores da chamada Era digital, chegando a mais de 40% e se mantendo quase estável nas duas faixas etárias. Já o percentual de leitores do formato digital, apesar de pequeno na primeira faixa etária – 12% – aumenta consideravelmente na segunda – 65%. Em outro momento da pesquisa, quando perguntado qual o tipo de conteúdo acessa com mais frequência na internet, os dados referentes à leitura de jornais digitais são ratificados, ocupando o segundo lugar, com 76%, e ficando atrás somente das redes sociais, preferência de 82% dos entrevistados.

Outra fonte de informação relevante a esses jovens são os sites de conteúdos específicos como esportes, moda, estudos etc., acessados com frequência por 59% dos participantes; seguido dos sites de entretenimento – 35%, conforme tabela a seguir:

Tabela 2 – Tipo de conteúdo que acessa com mais frequência na internet – 2015

Tipo de Conteúdo	Qtde.	Percentual
Redes sociais	14	82%
Sites de notícias	13	76%
Sites, Blogs ou páginas de conteúdos específicos (esportes, moda, cabelo, estudos etc.)	10	59%
Sites de entretenimento	6	35%
Não costumo usar internet	0	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

d. Práticas culturais e de entretenimento

Quanto às práticas culturais e de entretenimento mais comuns, na segunda faixa etária a maioria (94%) declara frequentar o cinema; e a preferência pelos shows empata com os adeptos da televisão, recurso mais comum entre esses jovens, tendo 76% de adesão dos participantes nas duas faixas etárias.

Apesar de um percentual relativamente considerável ter mencionado o teatro e o museu como meios frequentados na adolescência, todos disseram que o faziam por intermédio das escolas e que atualmente já não o fazem com determinada frequência. O mesmo acontece

em relação à participação em rodas de leitura, saraus, contação de histórias e palestras.

Referente a outras atividades de cultura e entretenimento foram mencionados o uso da internet (na adolescência), o passeio ao shopping e a prática de esportes (após a adolescência), a participação em feiras culturais, debates e workshop (também relacionados a eventos estudantis). Dois dos participantes responderam não ter praticado qualquer atividade cultural durante ou após a adolescência, e um passou a praticar somente após a maioridade.

e. Práticas de comunicação

Para uma breve investigação acerca das práticas de comunicação e do nível de consciência linguística dos respondentes, foi questionado sobre o hábito de falar gírias e palavrões. Em relação às gírias, sete pessoas (41%) disseram só usá-las em conversas com os amigos; cinco (29%) falam em casa ou com amigos, três (18%) alegaram quase nunca usar gírias; um (6%) disse não usar e o mesmo número respondeu que usa sempre, em todos os lugares e situações. Quanto ao uso de palavrões, onze pessoas (correspondente a 65%) disseram quase nunca usá-los; seguido de cinco (29%) que disseram falar só com amigos e um (6%) falar em casa ou com amigos.

A consciência quanto ao preconceito existente acerca do uso de gírias em ambientes formais está presente nos discursos desses jovens, visto que a maioria alegou usá-las somente com amigos ou em casa. Os que alegaram usar esse dialeto somente com os amigos, mencionaram que em casa há certa restrição no uso desse dialeto, por parte dos pais. Um participante disse usar gírias em todos os lugares, todavia na entrevista usou poucos termos que possam ser considerados gíria, o que faz supor que há certa consciência da própria linguagem e tentativa de adaptação ao contexto. O uso de palavrões é rejeitado pela maioria que diz não usar porque não gosta, sem mencionar os pais como impositores dessa prática.

Sobre as dificuldades encontradas na comunicação oral e escrita, foram considerados dois momentos distintos: em situações informais do dia a dia (com amigos, em casa, lazer etc.) e em situações mais formais (trabalho, apresentações de atividades escolares, entrevistas de emprego etc.). A maioria, 71%, disse não encontrar dificuldades em se expressar ou compreender o interlocutor oralmente, em seu dia a dia. Entre os que disseram encontrar alguma dificuldade (29%), a timidez foi mencionada como a principal causa.

Já na comunicação de natureza formal, 53% disseram encontrar obstáculos na expressão oral ou compreensão do interlocutor, mencionando como principais dificuldades

com o vocabulário formal ou em controlar o uso de gírias nessas situações, uma vez que se está acostumado a um ambiente em que o uso deste dialeto é comum. Em seguida, a timidez ou insegurança também foram mencionadas como empecilhos na comunicação.

Em relação à comunicação via escrita-leitura, a maioria declarou não ter dificuldades na escrita formal ou informal, bem como na leitura informal. Somente na leitura de natureza formal a maioria respondeu encontrar dificuldades de compreensão de termos técnicos ou palavras desconhecidas, havendo variação de apenas um participante a mais, conforme tabela:

Tabela 3 – Participantes que encontram alguma dificuldade na comunicação escrita – 2015

TIPO DE DIFICULDADE	ESCRITA		LEITURA	
	Informal	Formal	Informal	Formal
Sim	3	5	2	9
Não	14	12	15	8

Fonte: Elaborado pela autora.

f. Análise e discussão dos dados

Para a análise dos dados procurou-se observar as respostas escritas dos participantes na segunda parte do formulário, relacionando-as à primeira parte, quando as perguntas foram feitas de forma oral. Isso possibilitou analisar a coerência tanto em relação ao conteúdo propriamente, quanto em relação à desenvoltura comunicativa do participante.

Na segunda parte do formulário, que deveria ser preenchida pelo respondente na forma escrita, dois dos participantes solicitaram que o pesquisador preenchesse. Não havendo óbice, uma vez que o conteúdo das respostas seria de grande valia à pesquisa, a solicitação foi atendida, porém, nesses casos, não é possível analisar a consciência do participante quanto à capacidade de comunicação escrita.

A fim de facilitar a análise e compreensão dos dados algumas respostas são transcritas na íntegra, mencionando-se o número atribuído ao participante, para evitar a exposição dos mesmos.

Perguntados se achavam que as pessoas precisam falar de forma diferente conforme o lugar em que estão, 16 dos entrevistados (94%) responderam que sim, permitindo inferir que esses jovens tem consciência da necessidade de adequação da linguagem ao ambiente para que haja aceitabilidade por parte do interlocutor. Porém, é preciso questionar se essa consciência não relaciona a aceitabilidade somente à discriminação da linguagem, mas

também à compreensão por parte desse interlocutor, conforme proposto por Bagno:

Não é adequado que um agrônomo se dirija a um lavrador analfabeto usando uma terminologia altamente técnica e especializada, a menos que queira não se fazer entender. Como sempre, tudo vai depender de *quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por quê e visando que efeito...* (BAGNO, 2007, p. 131, grifo do autor).

O único participante que respondeu não achar necessária a adequação da linguagem ao ambiente, justificou sua resposta de forma desconexa com a pergunta, permitindo assim supor que talvez não tenha entendido a questão formulada: “Não. Todos tem prioridade e conhecimento do que falam por está anos na área.” (Participante 11).

Em seguida, foi solicitado que citassem três lugares ou situações em que seria preciso falar de maneira diferente ou usar linguagens diferentes. Ao todo, foram mencionados 21 lugares ou situações, sendo o ambiente de trabalho mencionado 12 vezes, seguido da entrevista de emprego (oito vezes), da escola e reuniões de trabalho (quatro vezes cada).

Considerando que a entrevista de emprego e as reuniões também estão relacionadas ao ambiente de trabalho, é possível perceber certa preocupação desses jovens com a adequação da linguagem a este ambiente. Associado ao ambiente estudantil foram mencionadas a faculdade e a apresentação de trabalhos (duas vezes cada) como lugar ou situação em que há necessidade de adequar a linguagem; repostas que podem estar vinculadas ao papel que a escola desempenha no ensino da gramática tradicional e de uma língua padrão.

A resposta do Participante 04 pode ser uma síntese da preocupação dos demais jovens no que se refere à adaptação da linguagem: “No trabalho, escola e em lugares com a classe nobre.” Além de mencionar dois dos lugares mais citados, o uso do termo “classe nobre” chama a atenção para a questão das diferenças sociais e demonstra certa preocupação com o possível preconceito que possa existir em relação à sua linguagem ao se dirigir a pessoas de classes econômicas superiores.

Ao serem questionados se conseguem adaptar o jeito de falar a cada um dos três ambientes citados, a maioria (11 participantes) afirmou que sim; três disseram encontrar dificuldades; dois disseram que não conseguem e um apresentou uma resposta desconexa: “Sim, comigo.” (Participante 01).

Posteriormente foi perguntado se eles acham que a forma como uma pessoa fala influencia em sua vida social e porque. Somente um participante respondeu negativamente,

demonstrando autoestima quanto à sua linguagem: “Não. Tenho personalidade e jeito de me comunicar próprio.” (Participante 01); um jovem apresentou resposta confusa; e quinze participantes responderam afirmativamente. Entre esses últimos, alguns apresentaram justificativas inconclusivas que dificultam a análise pela falta de clareza do texto como, por exemplo, o Participante 04: “Sim. Porque você acaba pegando isso”; porém, a maioria apresentou justificativas que novamente demonstram preocupação com o preconceito, associado, principalmente ao uso de gírias.

Uma resposta interessante menciona ser “desagradável conversar com alguém que só fala gíria” (Participante 05). Cabe salientar que a mesma jovem respondeu a uma questão anterior (se as pessoas precisam falar de forma diferente conforme o lugar em que está) dizendo que “a maneira como você se expressa mostra de onde você é”.

Associar a gíria a uma característica intrínseca aos jovens da periferia, estereotipa as pessoas que ali vivem ao supor que todas elas, e somente elas, falem gíria. O que existe, na verdade, é uma diferenciação de dialeto já que a formação discursiva dessas pessoas difere da formação discursiva do jovem de classe média ou alta, por exemplo, que provavelmente usem outras gírias próprias da sua comunidade linguística.

Gnerre (2009), explica que a gíria é uma linguagem especial com real valor comunicativo e tem como função central o papel social de excluir da comunicação agentes externos à comunidade que utiliza essa linguagem, bem como “têm a função de reafirmar a identidade dos integrantes do grupo reduzido que tem acesso à linguagem especial” (2009, p. 23). Assim como na gíria, esse fenômeno relacionado à linguagem acontece em diversas outras áreas com a função, muitas vezes, de manter a sociedade aquém das reais intenções dos responsáveis pela transmissão das informações:

(...) as gírias e os jargões podem ser comparados aos usos mais específicos da variedade padrão de uma língua associados com as comunicações, mais relevantes em termos de poder: comunicações jurídicas, econômicas, políticas, etc., quase que imperceptível às grandes massas, não só pela variedade linguística usada para transmiti-las, mas também pela complexidade e especificidade dos conteúdos dos referenciais transmitidos. (GNERRE, 2009, p. 24)

É preciso conscientizar os jovens de que mesmo as gírias têm uma importante função social e, assim como outras variantes linguísticas, devem ser adaptadas ao contexto, procurando preservar a comunicação satisfatória – novamente o “*quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por quê e visando que efeito*”, mencionado em Bagno (2007, p. 131, grifo do autor).

As três últimas questões estão relacionadas a situações em que os jovens possam ter sofrido algum dano pessoal em decorrência da linguagem. Foram sugeridas três situações: de prejuízo pessoal, situação de embaraço ou vergonha e preconceito, conforme abaixo:

Tabela 4 – Situações em que a linguagem causou algum prejuízo, embaraço ou preconceito – 2015

	PREJUÍZO	EMBARAÇO	PRECONCEITO
Sim	8	6	4
Não	8	8	12
Não lembro	1	1	1
Indefinido/ Fora de contexto	0	2	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os que responderam ter sofrido algum prejuízo, dois mencionaram a apresentação de trabalhos na escola ou faculdade, e um disse não conseguir adaptar a linguagem escrita, sempre gerando duplo sentido, principalmente nos e-mails que envia. Dos oito participantes que responderam ter sofrido algum prejuízo, quatro atribuíram o fato de não obterem sucesso em entrevistas de emprego à dificuldade de adequar a linguagem ao contexto. Um participante relatou um acontecimento no ambiente de trabalho que lhe gerou constrangimento:

Sim, uma vez já chamei meu chefe de “parça”, no momento da situação ele demonstrou seriedade eu fiquei bem sistemático mais depois de um tempo ele começou a me chamar assim. (Participante 15, grifo meu)

Convém dizer que este mesmo participante respondeu anteriormente que tem consciência de não conseguir adaptar sua linguagem a diversos ambientes, apesar de acreditar que precisamos adaptá-la.

Quanto a situações que ocasionaram algum tipo de constrangimento ou embaraço, a maioria (oito) afirma não ter sofrido qualquer tipo de constrangimento ligado ao uso da linguagem; dois apresentaram respostas confusas ou fora do contexto, dificultando o entendimento; e seis participantes responderam afirmativamente, mencionando a entrevista de emprego (um), a ambiguidade devido ao duplo sentido (um), a apresentação de trabalhos na escola ou faculdade (três) e o ambiente universitário (um). Neste último caso, a resposta do participante deixa evidente o quanto uma linguagem carregada de estereótipos pode dificultar a transição do jovem em grupos sociais distintos dos habituais:

Sim, No início dos meus estudos na universidade, percebi olhares constrangedores como formas de coerção devido a minha forma de falar. (Participante 08)

Na ultima questão, somente quatro jovens declararam ter sofrido algum tipo de preconceito em decorrência da linguagem. Entre esses, o Participante 08 esclarece o tipo de preconceito sofrido no ambiente universitário:

Diretamente não, mas sempre rola piadinhas com algumas expressões ou gírias que carregam. Fica clara a ideia de “inferioridade” referente a algumas expressões que utilizo. (grifo do autor)

Segundo Gnerre (2009), apesar dos princípios democráticos pregarem que nenhuma discriminação tem razão de ser, esses princípios estão baseados em critérios de raça, religião e credo político e em nenhum momento referem-se às tradições linguísticas. Dessa maneira “A única brecha deixada aberta para a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação” (GNERRE, 2009, p. 25). Consequentemente, a linguagem que foge às normas aceitas por certos grupos ou em certos ambientes tendem a ser discriminadas naturalmente e muitas vezes, de forma velada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão da informatização tem sido grande responsável pela disseminação da cultura de massa, propiciando às camadas mais carentes da sociedade a oportunidade de consumir maior diversidade de bens culturais, assim como de poder participar mais ativamente no processo de produção desses bens. Para tanto, é necessário que os envolvidos nesse processo estejam conscientes e seguros do seu papel na sociedade.

A proposta desse artigo é abrir espaço para uma discussão sobre a formação discursiva do jovem da periferia e do quão imprescindível é investir em sua formação linguística para que possam se apropriar dos recursos linguísticos disponíveis, tentando assim, minimizar possíveis prejuízos pessoais e sociais.

A pesquisa de campo, aplicada a jovens moradores de dois bairros da cidade de Diadema, situada na Grande São Paulo, se mostrou satisfatória, possibilitando compreender como o jovem morador da periferia enxerga sua capacidade comunicativa e como ele acredita que a sociedade age em relação a sua condição linguística.

Foi possível verificar que as práticas de cultura e de entretenimento são poucas, rústicas e básicas, e em sua maioria os jovens consomem aquilo que o sistema educacional lhes oferece através da escola. A “preferência” pela televisão nos leva a inferir que isso se dá em virtude da situação financeira dessas pessoas, uma vez que há a disponibilidade dos canais abertos e ao mesmo tempo a dificuldade de acesso a outros meios de produção cultural pagos. A propósito deste resultado, Bourdieu faz uma interessante análise:

De fato, a estatística da frequência ao teatro, ao concerto e sobretudo ao museu (...) basta para lembrar que o legado de bens culturais acumulados e transmitidos pelas gerações anteriores, pertence *realmente* (embora seja *formalmente* oferecido a todos) aos que detêm os meios para deles se apropriarem (BOURDIEU, 2007, p. 297, grifos do autor)

Assim, alguns bens culturais são oferecidos a todos através da escola, todavia, só serão realmente desfrutados por aqueles que possuem instrumentos para a apropriação desses bens (BOURDIEU, 2007). Em *Multiletramentos na escola*, Rojo e Moura (2012, p. 08) propõem que esses instrumentos culturais sejam ampliados, partindo-se “das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático”. Dessa maneira, a escola assume importante papel não só na apresentação das diversas ferramentas culturais,

como também na formação de cidadãos conscientes das suas habilidades e das diversas possibilidades existentes em todas as culturas.

De modo amplo, foi possível perceber vários níveis de consciência linguística entre esses jovens, porém, é notável que muitos ainda estejam alheios às próprias necessidades de adequação às variações linguísticas e aos reais preconceitos existentes em relação à linguagem, ainda que haja a consciência da necessidade de adaptação ao contexto. Um exemplo nítido refere-se à comunicação escrita, em que a maioria acredita ter competência linguística a ponto de ler e escrever de forma clara, tanto utilizando a linguagem informal quanto a formal. Mas, apesar do cuidado na formulação das perguntas, prezando por seguir uma linguagem simples e de fácil compreensão a todos participantes, a leitura de muitas respostas foi dificultada pela redação de textos desconexos ou fora de contexto.

O Participante 14, quando perguntado se houve alguma situação constrangedora em que a linguagem tenha causado situação desagradável, de embaraço ou vergonha, respondeu “Sem palavras”. Essa mesma questão foi respondida pelo Participante 15 da seguinte maneira:

Sim, aconteceu de eu ser mandado embora pelo motivo que o chefe descobriu que eu tinha passado pela Fundação e tinha cometido um ato infracional.

Neste último caso, é notável a sensação que o jovem tem de haver sofrido discriminação social, todavia, não consegue distinguir um fato específico da questão da linguagem, ou, caso tenha sido em decorrência desta, não soube relatar de forma clara.

O fator mais associado ao preconceito envolvendo a língua falada foi o uso de gíria, discriminada, algumas vezes, pelos próprios jovens, visto estarem contaminados pelos diversos estereótipos já impregnados neste dialeto. Fiorin (2007, p. 16) afirma que “É no nível do discurso que devemos, pois, estudar as coerções sociais que determinam a linguagem”. Isso porque o discurso é a exteriorização de tudo o que forma nossas concepções, como também é a maneira como interiorizamos as concepções alheias. Assim, o jovem da periferia é levado a discriminar sua própria linguagem, sem conseguir diferenciar o que é ou não preconceito, e contribuindo para a minimizar sua autoestima.

Se as produções linguísticas “adquirem valor se realizadas em contexto social e cultural apropriado” (GNERRE, 2009, p. 7), a participação cada vez mais ativa no cenário cultural talvez seja o melhor caminho para a popularização e desestigmatização da linguagem dos jovens da periferia. Porém, para que o processo de legitimação seja efetivo, é preciso que

haja a conscientização da necessidade de apropriação dessa linguagem como bem cultural, evitando, assim, que estes jovens sejam contaminados pelos estereótipos sociais que seu dialeto carrega (aos olhos dos outros). É preciso suscitar a autoconfiança desses jovens e proporcionar-lhes uma ampla formação discursiva para que possam transitar em diversos meios sociais fazendo uso das variações linguísticas, sem, porém, perderem sua identidade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRANDÃO, Helena H. Naganime. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2. ed. rev., 2004.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em 20/08/2015.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural - cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

EISENSTEIN, Evelyn. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. *Adolescência & Saúde*, [S.l.], vol. 2, n. 2. p. 6-7, 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em 23/08/2015.

FERREIRA, Ritade Cássia de A. **O comportamento do consumidor na economia informal da região do grande ABC Paulista**. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração e Economia da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2013. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3340>. Acesso em 20/08/2015.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: WMF M. Fontes, 2009.

INSTITUTO PAULO MOTENEGRO. Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional – Edição Especial Jovens Metropolitanos. **O alfabetismo juvenil: inserção educacional, cultural e profissional**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.ipm.org.br/pt->

br/programas/inaf/relatoriosinafbrasil/Paginas/inaf_2009_jovens.aspx>. Acesso em 07/08/2015.

OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, ECONÔMICO E SOCIAL DE DIADEMA – OPPES. Prefeitura de Diadema. **Perfil da população adolescente e jovem de Diadema**. Diadema, 2012a. Disponível em:

<<http://www.diadema.sp.gov.br/dmp/comunicacao/Comunicacao/Site2/Perfil+da+popula%C3%A7%C3%A3o+adolescente+e+jovem+de+Diadema.pdf>>. Acesso em: 23/08/2015.

_____. **Sumário de dados básicos de Diadema – SP**. Diadema, 2012b. Disponível em:

<http://www.diadema.sp.gov.br/dmp/comunicacao/Comunicacao/Site2/sumario_miolo_20x26.pdf>. Acesso em: 23/08/2015.

REIS, Leonardo Borges. Filosofia da Linguagem e Teoria Social em Noam Chomsky.

Filogenese, Marília, v. 2, n. 2, p. 111 -126, 2009. Disponível em:

<[http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//LeonardoBorgesReis\(111-126\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//LeonardoBorgesReis(111-126).pdf)>. Acesso em 07/08/2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

The language of the youth from the periphery and its social implications

The appropriation of language as cultural asset

The language, as one of the main mechanism of the discursive formation, has a key role on social transition, contributing to the formation of the identification of the agents. The growing participation of the subjects from periphery in the cultural Brazilian scenario as for these people a discursive formation that makes a linguistic conscience and self confidence to legitimate this culture, inspire of stereotypes that brings. Considering the importance of the young people to the society and in the new cultural scenery, the present article has the objective to analyze the discursive formation levels and the linguistic consciousness of the periphery young, searching to identify the implication of this language in the personal life and also in the social context. For that was done a field research using through a form applied a young people from two neighborhoods of the Diadema periphery, São Paulo. The data collected were analyzed with reports form the Observatory of the Publics Politician, Economic and Social from Diadema, that makes the profile of the young population from the city. The analysis of the data allowed to verify the education level, the linguistic habits, cultural and the entertainment, in additional, the linguistic conscience levels possible prejudices suffer because of the young's linguistics. Despite of the necessity conscience to adapt the language and their variants, there is no much young people can do it satisfactory. In additional the deficient discursive formation contaminates the young with existing stereotypes around its own language.

Key words: Language. Young. Periphery. Social implications. Linguistic consciousness.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por me fortalecer quando me senti fraca.

Melissa, minha filha, por sua existência, compreensão e amor.

Minha família, todo o auxílio e apoio.

Dedico à amiga Roberta, em memória.

Data de entrega dos originais: 02/04/2016